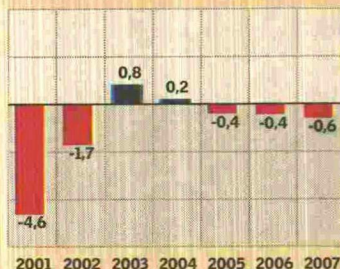


Ajuste feito & ajuste adiado

Evolução e projeções do mercado para o desempenho do setor externo

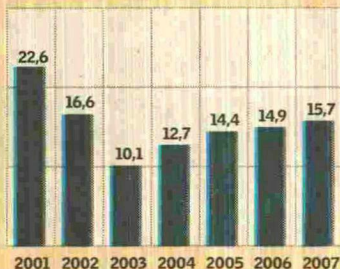
Conta corrente

Em % do PIB



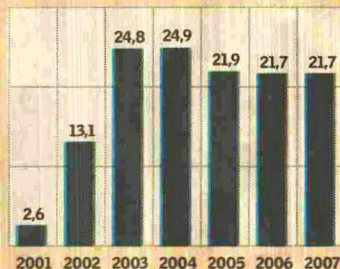
Investimento Direto Estrangeiro

Em bilhões de US\$



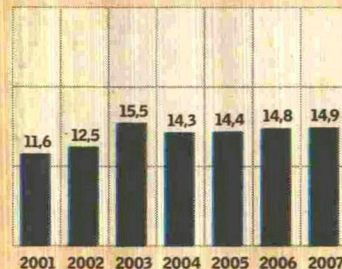
Saldo da balança comercial

Em bilhões de US\$



Exportações

Em % do PIB



Fonte: Boletim Focus. Compilação: Depto Econômico Bradesco

Contas externas Em cinco anos, total de empresas exportadoras subiu 25%

Balança comercial carrega sinais de ajuste estrutural

Denise Neumann
De São Paulo

Há um ano, as previsões para o saldo da balança comercial apontavam para um superávit de US\$ 16 bilhões em 2004. Doze meses e muitas surpresas externas depois, a projeção média do mercado hoje é que o país encerre este ano com um saldo comercial de US\$ 25 bilhões.

A aposta em um saldo maior não decorre de mais recessão ou de um câmbio mais desvalorizado. Pelo contrário, as previsões para a taxa de câmbio recuaram e para o Produto Interno Bruto (PIB), aumentaram em relação às feitas em maio de 2003.

Os analistas hoje acreditam que a desvalorização de 1999 e a adoção do regime de câmbio flutuante abriram, de fato, espaço para um ajuste estrutural no comércio exterior brasileiro. Mesmo com esse ajuste, contudo, a vulnerabilidade externa do país persiste. A

culpa está na imensa dívida externa e na conseqüente necessidade de financiar esse endividamento.

O saldo comercial brasileiro saiu de um déficit de US\$ 730 milhões em 2000 para o resultado recorde de US\$ 24,8 bilhões no ano passado. No mesmo período, a dívida externa se manteve praticamente constante: US\$ 236 bilhões em 2000 e US\$ 235 bilhões no ano passado. A relação entre as exportações e a dívida externa, contudo, melhoraram. Em 2000, elas corresponderam a apenas 23% da dívida do país com o exterior. No ano passado, essa relação já foi de 31%.

Um número cada vez maior de empresas adota o mercado externo não como complemento, mas como parcela permanente e crescente dos negócios. Em apenas dois anos, a participação das exportações no faturamento das grandes empresas cresceu 15%, passando de 19,5% do total para 22,5%, segundo dados da Sondagem Industrial da Confederação

Nacional da Indústria (CNI). Em 2003, 17,7 mil empresas venderam seus produtos no exterior, número 25% maior que no período anterior à mudança cambial.

Para vários analistas, inclusive, US\$ 25 bilhões é piso. Suas projeções se aproximam de um saldo de US\$ 28 bilhões, mesmo considerando algum arrefecimento no preço das commodities industriais e agrícolas e um crescimento da economia chinesa pouco abaixo de 10% este ano.

"Estamos mais para US\$ 27 bilhões que para US\$ 25 bilhões", diz Júlio Sérgio Gomes de Almeida, diretor-executivo do Instituto para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). Ele observa que mesmo que as importações cresçam 17% este ano (mantendo ao longo de todo o período o ritmo de crescimento dos primeiros quatro meses), um aumento de 12% nas exportações já garantiria um saldo desta magnitude. Até agora, os embarques brasi-

leiros para o exterior aumentaram 24%. O resultado das exportações brasileiras em 2004 continua surpreendendo. Em menos de quatro meses, o saldo já soma US\$ 7,7 bilhões, a despeito de um expressivo crescimento de 16% nas importações.

O saldo de 2003 e o projetado para 2004 ainda são um enigma, diz o professor Francisco Eduardo Pires de Souza, coordenador do grupo de conjuntura do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ). O crescimento da demanda mundial, calculou ele, foi o principal responsável pelo bom desempenho do Brasil no exterior no ano passado.

Pires de Souza acredita, contudo, que há também um conteúdo estrutural no resultado. Parte do saldo comercial recorde veio para ficar. "Os próximos saldos da nossa balança comercial continuarão elevados, mas não tanto como nos anos de 2003 e 2004", diz ele.